

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Matéria, Mudança e Medo

Projeto como correspondência na desordem

Palavras-chave: vitalidade material, desaprendizado projetual, cosmologias do fazer.

Christiano Pozzer; UFRGS; Porto Alegre, RS, Brasil; chpozzer@gmail.com

Chego sozinho ao Centro de Referência Indígena, o CRIA, minha primeira participação nos mutirões de reforma de sua sede. A ansiedade me habitava: sem saber exatamente o que esperar, iria tentar provar disposição e capacidade – e algum conhecimento técnico que minha formação em design de produto poderia oferecer.

É um sobrado antigo, o CRIA, desgastado pelo tempo. Lascas e entulhos se acumulam. São poucos os envolvidos na reforma. Reconheço minha amiga, a Ana, que no momento retirava pregos de uma antiga viga de madeira. Me apresento a Ezequiel, indígena mbyá-guarani que coordenava as atividades do dia. Ele me instrui a ajudar Ana.

Achei que os pregos dariam menos trabalho. Eram muitos, envelhecidos e enferrujados, alguns tão profundos que mal se enxergava sua cabeça. Saíam tortos e, em alguns casos, quebrados. Depois de minutos retirando-os, perguntei onde poderia descartá-los. Ana me instrui a avaliar cada um e selecionar “os bons” para que fossem reutilizados. Os tortos eu deveria dar uma endireitada. Poderia ter seguido o trabalho segundo essas novas instruções, mas elas me fizeram pausar. Reutilizar pregos com quase um século de vida, tortos e enferrujados? Nesse momento, começo de fato a prestar atenção na materialidade do sobrado em minha volta. De repente, fui engolfado pelo desgaste e pela empreitada descomunal que seria essa reforma. Um ritmo dado pela própria casa e pelas pessoas negociando com ela, o receio de qualquer movimento em falso que danificasse sua estrutura. Me vi estagnado, desorientado, me achando insuficiente.

Ao questionar Ezequiel, recebi acolhimento: “arquitetura real é assim: tu vai descobrindo um passo depois do outro. O esquema é tu chegar com o que tu tem e ir se mexendo. A gente vai se organizando junto e se organiza de novo quando for preciso”. Nesse momento entendi: estávamos respeitando a vida e o tempo dos pregos, da casa, do grupo, reconhecendo sua potência de negociação e desorientando qualquer expectativa de ordem.

Relato escrito por mim a partir de minha presença e afetações em um dos mutirões de reforma no Centro de Referência Indígena do Rio Grande do Sul (CRIA RS).

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

O relato acima é parte das muitas correspondências que tenho desempenhado como forma de investigar a potencialidade da matéria na desestruturação das disciplinas projetuais. Mais do que um registro, a forma pessoal e sensível deve ser entendida como ferramenta de conhecimento ao alçar-se diretamente à experiência como meio de coexistência, nunca apenas instrumento. Começo, então, na aproximação de uma *ecologia das práticas*, no pensar a partir dos encontros (Stengers, 2021). Vendo-a como uma forma particular — e nunca universal — de colocar-me em meio ao acontecimento e de assimilar seus diferentes contextos, permitindo que seus gestos assumam sentidos próprios. Como defende Isabelle Stengers (2021, p. 9), aproximar-se de uma possibilidade de prática significaria, então, “abordá-la conforme ela diverge, ou seja, sentir suas fronteiras, experimentando as questões que os praticantes podem aceitar como relevantes, mesmo que não sejam as suas próprias questões”.

Minha experiência no mutirão de reforma revela uma tensão fundamental no âmago da prática projetual: a falência das premissas disciplinares diante da agência dos materiais. Ao se deparar com o sobrado centenário — suas paredes descascadas, pregos enferrujados e pisos desnivelados —, confronto-me não apenas com um objeto da prática de reparo e preservação, mas também com um corpo em permanente transformação e que, de tal condição, ameaça a própria sustentação do que o faz objeto. A casa resistia às categorias disciplinares, recusando-se a ser reduzida a um *problema técnico*. Em vez disso, exigia um envolvimento sensível, onde projeto e processo se fundiam em um fluxo contínuo de negociação com a vivacidade material.

1. A Crise do objeto e a reabilitação do material

A tradição projetual ocidental opera sob uma lógica objetual: o mundo é compreendido como um conjunto de entidades estáveis, passíveis de manipulação racional. Ingold (2007, p. 9, *tradução própria*) critica essa visão ao destacar como, nesse paradigma, “os materiais parecem desaparecer, engolidos pelos próprios objetos que deram à luz”. Um prego,

assim, só seria visto como *bom* enquanto cumpre sua função instrumental; uma vez enferrujado, torna-se descartável. Na correspondência gestada no mutirão, porém, os pregos antigos não foram tratados como falhas a serem eliminadas, mas como ferro em processo de transformação junto do artefato-casa. Essa abordagem desloca a própria noção de projeto. Se os materiais não são inertes, mas participantes ativos da realidade, então o ato de projetar não pode ser um exercício de imposição de formas pré-concebidas. Aqui, a imprevisibilidade não é um obstáculo, mas a condição essencial do fazer.

2. A Materialidade como fronteira de desaprendizado

O confronto com a vivacidade dos materiais exige um desmonte das certezas disciplinares. Para além da minha lente tecnocrática, calibrada pela racionalidade cartesiana, a reforma do CRIA foi um exercício de desaprendizado. As ferramentas que trazia — plantas, cronogramas, especificações técnicas — mostravam-se insuficientes diante da casa que "respondia" aos mutirões com suas próprias exigências: madeiras que empenavam, tintas que descascavam, estruturas que cediam. A materialidade, nesse sentido, funcionava como um agente pedagógico, ensinando que projetar é menos sobre controlar e mais sobre corresponder.

Tony Fry (2017) argumenta que o pensamento disciplinar, ao fragmentar a realidade em especialidades, torna-se incapaz de lidar com a complexidade relacional do mundo. No sobrado, essa limitação ficou explícita: a reforma não era um problema de arquitetura, engenharia ou design, mas um processo coletivo onde conhecimentos técnicos se subordinavam às dinâmicas materiais e sociais. Os pregos enferrujados não foram *resolvidos* com soluções padrão, mas reinseridos em novas redes de significado, como testemunhos do tempo e como elementos de uma estética não prevista.

3. Projeto como pluriverso material

A experiência do CRIA ecoa a noção de pluriverso proposta por Escobar (2018): um mundo onde múltiplas formas de existência coexistem sem homogeneização. Na prática

projetual, isso se traduz na aceitação de que materiais, técnicas e temporalidades diversas não podem ser reduzidas a um único sistema lógico. A casa reformada não era um produto finalizado, mas um campo de relações em constante devir — um lugar onde ferrugem, poeira e tábuas rachadas tinham tanto a dizer quanto os humanos que as manipulavam. Essa perspectiva desloca a própria ideia de *descarte*: se nada é verdadeiramente inerte, então não há materiais que simplesmente deixam de existir; há apenas transformações contínuas (Liboiron, Lepawsky, 2022). O projeto, nesse sentido, não termina na entrega de uma obra, mas se estende na vida dos materiais que a compõem. Como sugeriu Ingold (2007, p. 8, *tradução própria*), seres humanos não existem para além da materialidade, mas “nadam em um oceano de materiais”, e projetar é aprender a navegar nesse fluxo.

4. Conclusão: para além da razão projetual

A vivência no CRIA RS revela que a prática projetual convencional — baseada em controle, previsibilidade e eficiência — é insuficiente diante da vitalidade do mundo material. Saio do mutirão não com um *projeto concluído*, mas com perguntas: Como projetar sem impor? Como intervir sem dominar? Essas interrogações apontam para uma epistemologia alternativa, onde o ato de fazer é sempre um diálogo com materiais que resistem, respondem e reinventam-se.

Neste texto, parto da experiência concreta do mutirão como ponto de partida e exemplo para uma reflexão mais ampla sobre práticas projetuais que desafiam a lógica objetual dominante. O relato do mutirão no sobrado centenário não é um caso isolado, mas sim uma entre muitas outras vivências que venho documentando e analisando desde meu mestrado em design quanto em meu doutoramento em planejamento urbano. A questão da matéria na forma-expectativa ocidental, na ansiedade frente a mudança e a sujeira, são pontos centrais a serem expandidos. O que une essas experiências diversas é justamente a forma como os materiais, em sua vitalidade e agência, se recusam a se conformar às categorias projetuais convencionais, exigindo em troca um modo de fazer baseado na correspondência e na escuta atenta. Meu objetivo aqui é sistematizar esses aprendizados, mostrando como, em contextos distintos, nos deparamos com epistemologias materiais

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

que subvertem noções ocidentais de projeto. Ao trazer o CRIA RS como caso central, busco demonstrar como os desgastes de tempo e uso não são *problemas a resolver*, mas professores que nos ensinam outras lógicas de intervenção no mundo. Essa análise faz parte de uma investigação maior sobre cosmologias não-modernas do fazer — dos saberes indígenas aos modos afrodiaspóricos — que podem nos ajudar a desmembrar radicalmente o que entendemos por projeto. O que está em jogo, portanto, não é apenas uma crítica ao design convencional, mas a abertura para outros regimes de conhecimento nos quais projetar significa, antes de tudo, cultivar relações de reciprocidade com materiais que nunca são inertes. Nessa abordagem, o projeto não é um plano a ser executado, mas um caminho a ser descoberto — passo a passo, prego a prego, na lama caudalosa da realidade (Haraway, 2016). E talvez seja aí, nesse terreno movediço, que a prática projetual encontre sua verdadeira potência: não como instrumento de dominação, mas como arte de correspondência com a vida.

REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

FRY, Tony. Design for/by “The Global South”. **Design Philosophy Papers**, V. 15, N. 1, p. 3-37, 2017. DOI: 10.1080/14487136.2017.1303242

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno**. Trad. Ana Luiza Braga. N-1 Edições: São Paulo, 2023.

INGOLD, Tim. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, V. 14, N. 1, p. 1-16, 2007, DOI: 10.1017/S1380203807002127

LIBOIRON, Max; LEPAWSKY, Josh. **Discard Studies: Wasting, Systems, and Power**. Cambridge: MIT Press, 2022.



**V COLÓQUIO DE
PESQUISA EM
DESIGN E ARTES**
5, 6 e 7 de novembro 2025

STENGERS, Isabelle. Notas introdutórias sobre uma ecologia das práticas. In. MATTOS, Wladimir (org.). **Artecompostagem'21**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, 2021, p. 9-27.